



SECRETARIA-GERAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

DISCURSO DO MINISTRO DE ESTADO CHEFE DA SECRETARIA-GERAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, MÁRCIO MACÊDO, LANÇAMENTO DO EDITAL PRÊMIO CAROLINA MARIA DE JESUS DE LITERATURA PRODUZIDA POR MULHERES 2023

BRASÍLIA, 5 DE ABRIL DE 2023

Senhora Ministra Margareth Menezes, senhoras ministras e ministros aqui presentes, senhoras e senhores, bom dia

É uma grande honra ser convidado a estar aqui neste lugar em um momento tão importante para a Cultura do nosso país. E farei uma breve saudação

A literatura, como defendia Antonio Candido, é um direito humano, um espaço propício de reflexões e, portanto, de debates entre indivíduos e sociedade, com potencial de impulsionar reflexões que, por sua vez, impulsionariam ações humanas.

É por isso que movimentos autoritários enxergam a literatura e os livros como campos subversivos e que deveriam ser controlados.

Ao mesmo tempo, como vivemos em uma sociedade constituída pelo machismo e pelo racismo é preciso pensar a literatura como ferramenta mobilizadora de discussões que nos encaminhassem para equidade e igualdade.

Por isso uma premiação do Ministério da Cultura com o intuito de fomentar atividades relacionadas à promoção da literatura brasileira produzida por mulheres, valorizar autoras nacionais homenageando uma escritora negra vai ao encontro do compromisso assumido pelo Governo Federal de restabelecer políticas públicas de inclusão voltadas às mulheres e de promoção da igualdade racial.

A História de Carolina Maria de Jesus confunde-se com a História de nosso país. Não poderia haver uma melhor escolha que a de uma escritora negra, pobre, favelada, em um tempo ainda mais difícil que os atuais e que a despeito disso se tornou uma das primeiras escritoras negras do Brasil, cuja obra teve tanta importância e repercussão dentro e fora de nosso país.

Em sua mais famosa obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, Carolina retrata o Brasil e seus desejos de transformação. Em uma delas, escreve que

“o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo e nas crianças”

Apontando que esse seria um caminho para a erradicação da desigualdade que ela testemunhava no seu dia a dia. O ano era 1958, e o desejo de Carolina se concretizou somente 44 anos mais tarde, quando o Brasil elegeu o presidente Lula pela primeira vez para a presidência da República.

Carolina profetizou o momento em que nos encontramos aqui. É coerente, correto e digno homenagear sua memória.

Descobri em leitura recente que Carolina sustentou seus três filhos na Favela do Canindé, em São Paulo, como catadora de papel, um trabalho sempre marginalizado que o governo Lula, desde 2003 e agora, por meio da Secretaria-Geral da Presidência, busca retomar a dignidade, o trabalho dos catadores e catadoras de materiais recicláveis e reutilizáveis, que no tempo de Carolina eram chamados de catadores de lixo.

Quero parabenizar a ministra Margareth e o ministério da Cultura por esse edital. A seleção de 40 obras escritas exclusivamente por mulheres mostra a grandeza de um compromisso onde Cultura não é comércio, cultura pode e deve ser objeto de uma política pública transformadora e de inclusão social.